



Rev. Bras. de Hipnose 2018; 29(2): 99-102

ISSN 1516-232X

Associação Brasileira de Hipnose - ASBH

*Revista
Brasileira de
Hipnose*

www.revistabrasileiradehipnose.com.br

Fatores Emocionais na Psicogenia e Somatogenia das doenças e a hipnoterapia

Emotional Factors on Psychogenesis and Somatogeny of diseases and hypnotherapy

Marco Antonio Barroca

*Pós-graduação em Hipnose Clínica,
Sociedade de Hipnose do Estado do Rio de Janeiro - AHIERJ, Brasil*

Resumo.

Neste artigo realizamos uma breve revisão da literatura sobre o papel dos fatores etiopatogênicos nos processos de somatogenia e psicogenia nas doenças, ressaltando o testemunho advindo da prática sobre os possíveis efeitos sinérgicos na interação da acupuntura e a hipnose, principalmente sobre os chamados “fatores emocionais”.

Palavras-chave. Hipnoterapia, Psicogenia, Somatogenia Fatores Emocionais.

Abstract.

In this article, we performed a brief review of literature on the role of etiopathogenic factors in the processes of somatogenesis and psychogenesis on the diseases, emphasizing the testimony from the practice on the possible synergistic effects in the interaction of acupuncture and hypnosis, mainly on the so-called “emotional factors”.

Keywords. Hypnotherapy, Psychogenesis, Somatogeny Emotional Factors.

1. Introdução.

O estudo da influência dos fatores emocionais tanto na etiopatogenia dos sinais e sintomas clínicos e como da própria doença é de extrema importância para a Medicina chamada Psicossomática, que é uma especialidade nova e que ainda encontra resistência no meio médico para o seu desenvolvimento.¹

Entretanto, na Medicina Tradicional Chinesa (MTC) e na Hipnoterapia, emoção e saúde são aspectos da vida humana que se complementam. Em função disto, valorosa contribuição para o entendimento desta complementariedade pode ser obtida através de estudos sobre os efeitos sinérgicos possíveis na interação da acupuntura e a hipnose principalmente sobre os chamados “fatores emocionais”¹⁻³. O objetivo da breve revisão de literatura aqui apresentada é ressaltar a importância dos resultados de tais estudos para a compreensão de diversos aspectos etiopatogênicos das doenças psicossomática.

2. A Hipnose e o Método Científico.

Mesmo as mais modernas técnicas de diagnose e terapia nasceram da *intuição e da fé*, passaram pela observação empírica, foram testadas e evoluídas pela primitiva técnica da “tentativa e

erro” e, só posteriormente, foram comprovadas pelo método científico.

Contra o conceito de *ideias natas*, o *empirismo* da Filosofia acredita nas *experiências* como únicas e principais formadoras das ideias. A ciência baseia-se no *método científico* que defende as teorias científicas baseadas na observação do mundo, mas ambos os métodos têm suas origens no empirismo; um empirismo mais primitivo, baseado na intuição, e um empirismo mais técnico, que se serve da observação, que é base das teorias científicas.

A Neurociência procura quantificar os fenômenos neurológicos naturais, mas quanto mais aprendemos com a Física Quântica, mais descobrimos o quanto de empirismo existe nas Ciências Naturais, principalmente nos fenômenos biológicos. Não visualizamos o átomo, mas as suas consequências, e não temos dúvidas sobre sua existência. Apesar de assunto da esfera “técnica, científica e mais moderna” a Física Quântica tem permitido a discussão de fatores tão místicos como o próprio *espírito*.⁴

Da observação empírica surgem teorias sobre os fenômenos biológicos, as quais se tornam objetos de experimentos sob condições controladas de forma a tentar quantificar e formular as *Leis* que regem o fenômeno. As *Leis* são condições necessárias e suficientes para que um fenômeno ocorra. Para os fenômenos humanos podemos estabelecer condições necessárias, mas não suficientes para que ocorra. Para ciências humanas não temos, até o presente momento, experimentos absolutos, ou leis absolutas, mas tendências⁵.

Esta preocupação inicial de discorrer sobre o *empirismo* é justificada por várias razões, dentre eles o “pré-conceito” e certa desconfiança que a hipnose como matéria científica em-cerra, e mais ainda, na valorização dos fatores emocionais como fatores etiopatogênicos.

3. As Emoções, MTC e Hipnoterapia.

Na Medicina Tradicional Chinesa (MTC), os fatores emocionais exercem importante papel na gênese da doença e da saúde¹, aspecto que ainda é pouco valorizado na Medicina tradicional ocidental. Da mesma forma, na Hipnoterapia estes fatores são tratados como fontes de distúrbios orgânicos. Neste sentido, a acupuntura, um dos elementos da MTC, e a hipnose constituem duas áreas terapêuticas de destaque quando se pretende estudar a influência dos fatores emocionais na gênese dos sinais e sintomas da doença, já que possuem trabalhos científicos e técnicos comprovando sua eficiência e eficácia; e ambas são reconhecidas como especialidades médicas pelo Conselho Federal de Medicina.⁶

4. A Hipnologia.

Hoje, a Hipnologia é um campo de pesquisa promissor, que pode trazer respostas a questões ainda persistentes dentro da Ciência do Comportamento e da Neurociência⁷⁻¹⁰.

Os estudos de M. Erickson (1901-1980) contribuíram muito para estabelecer a hipnose como terapia, tendo ele criado várias técnicas hipnoterapêuticas que são aplicadas até hoje¹⁰. Segundo a visão deste autor, o inconsciente é parte da conexão mente-corpo, pois armazena conhecimentos e tem o potencial para prover o indivíduo da capacidade de superar suas dificuldades. Ele considerou o conteúdo inconsciente como um forte recurso para a solução de problemas visando o amadurecimento e mudança de comportamento.

Na visão de Erickson, as manifestações da doença não eram inerentemente patológicas, mas sim um sinal de que a aprendizagem automática, ou o conjunto das primeiras aprendizagens, não estava sendo utilizada adequadamente em uma situação particular da vida do indivíduo^{12,13}.

Erickson, às vezes, *bypassava* o consciente, estabelecendo uma conversa direta com o inconsciente. Tendo como fundo o recurso da *confusão mental*, mais do que isto, procurava esquivar-se da resistência consciente e permitir que o próprio inconsciente estabeleça o diálogo terapêutico.

Este processo dissociativo é recurso que permite a intervenção no inconsciente, com pouco ou nenhuma participação efetiva do consciente, senão como expectador. Permite o distanciamento dos processos consciente do inconsciente.^{14.15}

4.1. A Hipnose e a Linguagem do Cérebro.

A hipnose pode ser definida como um estado de *susceptibilidade ampliada para sugestão, tendo como efeito uma alteração das capacidades sensoriais e motoras para iniciar um comportamento adequado*. Para Bauer¹⁶, *o transe hipnótico é um estado de sugestibilidade intensificado artificialmente e semelhante, mas não igual, ao sono, no qual parece ocorrer uma dissociação natural dos elementos conscientes e inconscientes do psiquismo*.

Sabe-se que a linguagem do cérebro é simbólica, processando informações novas por analogia e comparações. Isto pode explicar como uma estória, mais que a palavra isolada, pode emocionar profundamente. Através deste processo podemos invocar os recursos mentais para conseguir as mudanças que queremos. Nossa mente é semelhante a um computador, através do qual podemos programar e reprogramar, inserir aplicativos novos, descobrir habilidades e recursos que, às vezes, nos surpreendemos que fosse possível. Diferente da analogia, que tenta estabelecer pontos de semelhança entre coisas diferentes, a metáfora, que é muito usada na programação neurolinguística como ferramenta de ressignificação, procura contar uma estória, mantendo a ideia do paralelismo na invocação de estados emocionais ancorados àquela situação. Não podemos mudar um fato, mas podemos alterar seu significado emocional e as conexões que a ele foram estabelecidas.¹⁷

Cabe ao talento do terapeuta, ao seu conhecimento acumulado e sua experiência clínica, avaliar e analisar as possibilidades dos processos terapêuticos e utilizar o material que o sujeito traz, principalmente suas crenças e seus valores, para eliciar os recursos internos e desta forma promover as mudanças. Na PNL e na hipnose acredita-se que o inconsciente tem os recursos necessários para o diagnóstico e para a terapia, sem que seja necessário fazermos a “identificação” dos padrões e encaixá-los em modelos pré-estabelecidos.¹⁸⁻²⁰

5. Conclusão.

A intersecção da acupuntura e hipnoterapia aqui mencionada não deve ser interpretada como uma tentativa viciosa de encaixar conceitos, uns nos outros, mas como uma forma de ilustrar o papel dos fatores emocionais no processo etiopatogênico das doenças.

Referências.

1. Volich RM, Psicossoma III: Interfaces da Psicossomática. Casa do Psicólogo, 2003.
2. Maciocia G. A Prática Da Medicina Chinesa: tratamento de doenças com acupuntura e ervas chinesas. São Paulo: Roca, 1996.
3. Auteroche B, Navailh P. O diagnóstico na medicina tradicional chinesa. São Paulo: Andrei, 1992.
4. Goswami A, Reed ER, Goswami M, Wolf Fred A. The self-aware Universe: How Consciousness Creates the Material World, Kindle Edition, 1995.
5. Chaloub S. Artes e Ofícios de Curar no Brasil: capítulos de história social. Campinas, SP: Ed Unicamp, 2003.
6. Behrens PE, Silva, NM. Hipnose Médica. Parecer aprovado 42/99 em 20/08/99, processo CFM 2.172/ 97, Conselho Fed de Medicina, Brasília (DF), 1999.
7. Gentilini A, Rossoni-Gerosa M, Frei CW, Wymann R, Morari M, Zbinden AM, Schider TW. Modelling and closed-loop control of hypnosis by means of bispectral index (BIS) with isoflurane. IEEE Trans. Biomed. Eng. 2001; 48:874.
8. Bar G, Anderson RE, Jakobsson JG. A study of bispectral analysis and auditory evoked potential indices during propofol-induced hypnosis in volunteers: the effect of an episode of wakefulness on explicit and implicit memory. Anaesthesia 2001; 56:888.
9. Peebles-Kleiger MJ. Contemporary psychoanalysis and hypnosis. Int. J. Clin. Exp. Hypn. 2001; 49:146.

10. Covino NA. Hypnosis, behaviour theory, and smoking cessation. *J. Dent. Educ.* 2001; 65:340.
11. Erickson MH, Rossi EL. The autohypnotic experiences of Milton H. Erickson. *Am. J. Clin. Hypnosis* 1977; 20:36.
12. Tenenbaum S. *L' hypnose érickonienne: un sommeil qui éveille*. Paris: Interéditions Masson 1996.
13. Milechinin A. *Hypnosis*. 2ªed. – London: Ed. John Wright & Sons Ltda, 1967.
14. Haley J. *Terapia não convencional*, 1991.
15. Zeig J. *Vivenciando Erickson*, 1985.
16. Bauer S. *Hipnoterapia Ericksoniana – passo a passo*.
17. Grinder J, *A estrutura da magia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1977.
18. Grinder J, Bandler R. *Richard: Atravessando*. São Paulo: Summus Editorial, 1984.
19. Grinder J, Bandler R. *Ressignificando*. São Paulo: Summus Editorial, 1986.
20. Grinder J, Bandler R. *Sapos em Príncipes*. São Paulo: Summus Editorial, 1986.